

O ESPELHO

Revista de litteratura, modas, industria e artes

DIRECTOR E REDACTOR EM CHEFE, F. ELEUTERIO DE SOUSA.

SUMARIO—Aquarellas, O empregado publico aposentado—Romance, O testamento do Sr. Chauvelin—A hospitalidade no Brazil (Uma excursão por Minas)—Alzira ou a louca de Botafogo—Opera nacional—similia similibus—Revista dos theatros—Poesias, Pensativa, e O canto do sertanejo (indigena brasileira)—Chronica elegante.

Aquarellas.

III.

O EMPREGADO PUBLICO APOSENTADO.

Os egypcios inventaram a mumia para conservarem o cadaver atravez dos seculos. Assim a materia não desapparecia na morte; triumphava della, do que temos alguns exemplos ainda.

Mas não existio só la esse facto. O empregado publico não se aniquilla de todo na aposentadoria; vai alem, sob uma fórma curiosa, antidiluviana, indefinivel; o que chamamos empregado publico aposentado.

Espelho à rebours, só reflecte o passado, e por elle chora como uma criança. E' a elegia viva do que foi, salgueiro do carrancismo, carpipeira dos velhos systemas. Reforma, é uma palavra que não se diz diante do empregado publico aposentado. Ha la nada mais revoltante do que reformar o que está feito! abolir o methodo! desmoranar a ordem!

Atado assim ao poste do carrancismo, eterno labaro do que é moderno, o empregado publico aposentado é um dos typos mais curiosos da sociedade. Representa o lado comico das forças retroativas que equilibra os avanços da civilização nos povos.

E' o typo que hoje trago á minha téla. São variaveis o character e as feições desta individualidade, mas eu procurarei dar-lhe os traços mais vivos, os mais vivos

conceber o sol sem luz, o oceano sem agua. Uma pertence ao outro, como a alma pertence ao corpo; são inseparaveis. E tem razão! O que vale uma caixa de rapé não o comprehende qualquer profano. E' o adubo opportuno de uma conversa arida e suada sobre qualquer reforma do governo. E' o meio de conhecimento com um potentado de quem se espera alguma cousa. E' a boceta de Pandora. E' tudo, quasi tudo.

E não parece. Aquelle utensilio tão mesquinho, em um outro qualquer está circumscripto na estreita esphera do nariz; nas mãos do aposentado, transforma-se; em vez de se tornar o deposito de um vicio, torna-se o instrumento de certos factos politicos que muitas vezes parecem nascer de causas mais altas.

Este prestigio do empregado publico aposentado não pára só na boceta, estende-se por todos os accessorios daquelle curioso individuo. Na gravata, na perzilha, na bengala, ha certo ar, uma nuance especial, que não está ao alcance de qualquer. Ou natureza, ou estudo, a aposentadoria traz ao empregado publico esses dotes, como um presente de nupcias.

Ora apesar deste methodico das fórmas, não estão limitadas ali as vistas do aposentado. Ha naquelle cerebro alguma finura para se não entregar exclusivamente a essas ninharias. E a politica? A politica la o espera; la o espera o governo; la o espera o theatro, as modas, os jornaes, tudo o espera.

Não é maledicente, mas gosta de cortar o seu pouco sobre as cousas do paiz. Não é um vicio, é uma virtude civica: o patriotismo.

O governo, não importa a sua cor politica, é sempre o bode expiatorio das doutrinas retrogradadas do empregado publico aposentado. Tudo quanto tende ao desequilibrio das velhas usanças é um crime para esse viuvo da secretaria, archeologo dos costumes, antiga victima do ponto, que não comprehende que haja nada além das raías de uma existencia official.

Conceber um aposentado sem caixa de rapé é

Todos os progressos do paiz estão ainda de baixo da lingua fulminante deste cometa social. Estradas de ferro ! é uma loucura do modernismo ! Pois não bastavam os meios classicos de transporte que até aqui punham em communição localidades afastadas ? Estradas de ferrol

Desta sorte todas as instituições que respiram revolução na ordem estabelecida das cousas — podem contar com um contra do empregado publico aposentado. Este meio mesmo de retratar á penna, como faço actualmente, revoltaria o espirito tradicional da grande mumia do passado. Uma innovação de máo gosto, dirá elle. E' verdade ; não representa apenas a superficie da epiderme, vai ás camadas mais intimas da materia organizada.

O empregado publico aposentado poderá deixar de comer, mas la perder um jornal, lá perder um jubileu politico ou sessão de parlamento, é tarefa que não lhe está nas forças.

O jornal é lido, analysado com toda a finura de espirito de que é elle capaz. Devora-o todo, annuncios e leilões ; e se não vai ao folhetim, é porque o folhetim é frutinha do nosso tempo.

No parlamento, é um espectador serio e attencioso. Com a cabeça enterrada nas paredes mestras de uma gravata collossal ouve com toda a attenção, até os menores apartes, vê os pequenos movimentos, como profundo investigador das cousas politicas.

Ao sahir dalli o primeiro amigo que encontra tem de levar um aguaceiro de palavras e invectivas contra a marcha dos negocios mais interessantes do paiz.

De ordinario o aposentado é compadre ou amigo dos ministros, apesar das invectivas, e então ninguém recheia as pastas de mais memoriaes e pedidos. Emprega os parentes e os camaradas, quando os emprega, depois de uma longa enfiada de rogativas importunas.

E' sempre assim.

No sarão o empregado publico aposentado é pouco cortez para com as damas ; vai procurar emoções nas alternativas de um lindo baralho de cartas. Mas para não faltar ao programma, la vai tachando de imbecil aquelle divertimento que tanto dinheiro absorve ; fica-lhe a consciencia.

Onde poderemos encontrar ainda o aposentado ? Elle vai por toda a parte onde se é licito rir e disentar, sem offensa publica.

O leitor conhece de certo a individualidade de que lhe fallo, é muito vulgar entre nós, e de qualidades tão especiaes que a denunciam entre mil cabeças. Que lhe acha ? Quanto a mim é inofensiva como um cordeiro. Deixem-no mirar-se no espelho dos velhos usos, falar em politica, discutir os governos ; não faz mal.

Em uma comedia do nosso theatro, ha uma recordação deste tipo. o Sr. Castiglioni. Ve-

so e reverso. Mirem-se alli, e verão que apesar do estreito circulo em que se move, faz pallidos e myrrados estes ligeiros e mal distinctos lineamentos.

M.-118.

O TESTAMENTO DO SR. CHAUVELIN

ROMANCE

DE

ALEXANDRE DUMAS.

II.

UM QUADRO DE LATOUR.

(Continuado do n. 6.)

A feição da casa era o reflexo do caracter do inquilino.

Dissemos que as paredes eram pardacentas ; deveramos dizer que eram negras.

Entrava-se por uma porta feita no muro, ao lado da casa do porteiro ; dava-se logo n'um jardim sem plataforma, todo circulado de latadas sem parreiras, caramanchões sem sombra, arvores quasi seccas. Se acaso uma flor surgia num canto, era alguma flor selvagem que talvez tivesse vergonha de apparecer na cidade, e tomando este cercado sombrio e humido, por um deserto em ponto pequeno, la desabrochára por engano, julgando estar mais longe da habitação dos homens, do que na realidade estava : mas era logo colhida por uma linda menina rosada, de cabellos ruivos e annelados, que parecia um cherubim cahido do céu, e perdido neste cantinho da terra.

Do jardim, que poderia ter quarenta ou cincoenta pés quadrados, passava-se a um corredor para onde davam quatro portas : a da sala de jantar e da cozinha á esquerda, e á direita a da copa e da dispensa.

Esta loja por ser humida e escura quasi nunca tinha gente senão ás horas de refeição.

A verdadeira morada onde fomos introduzidos era no primeiro andar.

Compunha-se do palheiro, uma sala pequena e outra grande, camaras de dormir de Mme Wind-sor e de Mme. Villenave.

O salão era quadrado, e tinha um busto em cada canto ; um delles era do Sr. Villenave.

Magnificos quadros de artistas celebres, como d'Holbein, Claudio Lorrain, etc., ornavam as paredes, além de diversas peças d'arte e archeologia.

A mobilia de veludo d'Utrecht offerecia aos amigos da casa os grandes canapés de braços altos e aos estranhos os poltronas e cadeiras

Neste andar exercia Mme. Windsor o vice-reinado.

Dizemos vice-reinado porque apenas chegava M. Villenave as honras da conversa lhe pertenciam.

M. Villenave era dotado de um caracter despotico tal que estendia-se da familia aos estranhos. Quem entrava em sua casa, parecia tornar-se propriedade do homem que havia visto e estudado tanta coisa, e sabia tanto. Não obstante esse despotismo que elle exercia como dono da casa, era bem conversado, conquanto porem difficil de excitar o interesse por não ser muito divertido e ainda menos espirituoso.

O seu salão era o inverso do salão de Nodier: quanto mais este demorava-se em casa, maior numero de pessoas concorria para apreciá-lo.

Por felicidade raras vezes descia M. Villenave ao salão. Conservava-se sempre no segundo andar, e só descia para jantar. E depois de moralisar um pouco com o filho, ralhar um pouco com a mulher, fechava os olhos e mandava a filha por-lhe os papillotes, e subia para seus aposentos.

Já dissemos que M. Villenave era um velho magnifico, que mostrava ter sido um moço admiravel. Emfim é preciso confessar que era um velho casquilho, porém casquilho da cabeça. O mais pouco lhe importava. Fosse a casaca preta ou azul, a calça estreita ou apertada, o bico do sapato redondo ou quadrado, tudo isto era negocio do alfaiate ou do sapateiro, ou antes de sua filha, que é quem presidia a todos estes detalhes. Contanto que estivesse bem ponteadado, nada mais lhe faltava.

De quatro peças alem da antecâmara se compunha o aposento de M. Villenave. Nós as dividiremos em sala de jantar, gabinete de trabalho, câmara de dormir, etc., etc.

Tratava-se muito destas superfluidades em casa de M. Villenave!

Havia cinco camaras para livros, mappas e cartões: eis ahí tudo.

Estas salas estão todas topetadas de livros, quadros dos melhores artistas, raridades scientificas, manuscriptos, no meio dos quaes o sabio passára bons cincoenta annos de vida. O genio de colleccionar era o que dominava M. Villenave. Assim parecia-lhe que estava no Paraizo, quando sumido no meio dos seus quarenta mil volumes, embobendo-se nas suas contemplações scientificas; para elle viver e saber, e saber tudo.

Uma das camaras era a câmara de dormir de M. Villenave: câmara de dormir onde o leito era por certo a coisa menos apparente: tão enterrado está elle em uma pequena alcova sobre a qual se fechavam duas portas de madeira entalhada.

Era nesta câmara que M. Villenave recebia as visitas. Eis aqui como isto se fazia.

A velha criada, já me não lembra do nome, annunciava a M. Villenave uma visita, abrindo meio palmo a porta da câmara.

Esta abertura da porta sorprendia sempre M. Villenave era scismando, ora adormecido.

— Eini! O que é, Francisca? (supponhamos que ella se chamava Francisca.) Meu Deus! não se pôde estar tranquillo um momento?

— Mas, senhor, é necessario que eu venha...

— Vamos, falla depressa: que me queres tu? Porque rasão me interrompes sempre nos momentos em que estou mais... occupado?!

E M. Villenave levantava seus grandes olhos para o céu com uma expressão de desespero, cruzava as mãos e dava um suspiro de resignação.

Francisca estava acostumada á scena: deixava M. Villenave fazer suas pantominas e dar seus apâtes. Quando elle acabava:

— M. Villenave, é o senhor A... que lhe quer fazer uma visita.

— Eu não estou em casa, vai-te embora.

Francisca puxava lentamente a porta: ella sabia bem com quem tratava.

— Espera, Francisca, tornava M. Villenave.

— Senhor?

Francisca tornava a abrir a porta.

— Disseste que é o Sr. A..., Francisca?

— Sim, senhor.

— Ora bem, vejamos, manda-o entrar, depois se elle demorar-se muito tempo, vem dizer que estão-me procurando: vai-te, Francisca.

Francisca fechava a porta.

— Ah! meu Deus! meu Deus! quem acreditaria? murmurava M. Villenave; eu nunca vou incommodar a ninguem e sempre ha de haver quem me venha incommodar!

Francisca abre a porta e introduz a visita.

— Oh! bom dia, meu amigo, dizia M. Villenave, seja bem vindo, entre, entre. Ha que tempo ninguem o vê! ora sente-se.

— Aonde? pergunta a visita.

— Mas, onde quizer, meu Deus!... no canapé.

— De boa vontade, mas...

M. Villenave lança os olhos para o canapé.

— Ah! sim, é verdade, está atulhado de livros, dizia; pois bem, puxe uma poltrona.

— Teria muito prazer, mas...

M. Villenave passava então uma revista nas poltronas.

— E' facto! mas, que quer, meu amigo? Não sei onde ponha meus livros. Tome uma cadeira.

— Não desejára outra coisa, mas...

— Como? está com pressa?

— Não,... é que vejo tantas cadeiras vagas como poltronas desoccupadas.

— Isto é incrível, dizia M. Villenave levantando as mãos para o céu; é incrível!... espere um bocadinho.

Levantava-se suspirando, ia tirar de cima de uma cadeira os livros que a ajujavam, e os depunha no chão onde já vinte ou trinta pilhas juncavam a camara, e conduzia a cadeira para ao pé da delle, isto é, ao pé da chaminé.

Acabo de dizer de que modo podia a gente sentar-se nesta camara. Vou agora dizer como se podia andar nella.

A's vezes acontecia que estando aberta a porta da pequena alcova, que dava para um corredor, e a outra que dava para a camara, resultava desta combinação, que se podia ver na alcova um quadro representando uma mulher moça e lindissima, tendo uma carta na mão.

Então, ou a visita não tinha a menor idéa da arte, e raros eram os desta longa familia, que vinham á casa de M. Villenave; ou levantava-se exclamando:

— Ah! senhor, que bello quadro!

E a visita fazia um movimento para ir da chaminé á alcova.

— Espere, gritava M. Villenave... espere!

Então notava-se que duas ou tres pilhas de livros embargavam a passagem para a alcova.

M. Villenave levantava-se, caminhava adiante, e como um habil mineiro, perfurava um tunnel por onde se podia chegar ao quadro que estava em frente do leito.

— Chegando perto, a visita repetia: oh! que bello quadro!

— Sim, dizia M. Villenave com aquelle ar elegante que em poucos velhos temos visto; é um quadro de Latour; representa uma amiga antiga, que já não é moça; porque, se me não falha a memoria, ella era em 1784, quando a conheci, mais velha do que eu cinco annos. Desde 1802, que nos não vemos; mas não deixamos de escrever um ao outro por mais de oito dias: e nossas missivas hebdomadarias são sempre recebidas com jubilo; oh! o senhor tem razão, o retrato é bello, porem o original ainda é muito mais bello!

E um raio de mocidade, brando como um reflexo de sol, roçava pelo rosto do bello ancião, remoçado de quarenta annos.

E muitas vezes neste segundo caso, Francisca não tinha necessidade de vir fazer um annuncio falso, porque se a visita era de boa companhia, deixava ao cabo de alguns instantes, M. Villenave entregue ao pensamento que lhe despertára o quadro de Latour.

(Continua.)

A hospitalidade no Brasil.

(Impressões de uma viagem a Minas.)

III.

A fazenda era uma casa terrea, apenas rebocada, como se vêem tantas pelo interior, onde o fazendeiro busca primeiro que tudo a commodidade, deixando o que elles chamam luxo para a cidade. Herdades sumptuosas, com todo o apparato de um palacio só se acham em grande numero na provincia do Rio de Janeiro. Nem isto é de admirar. Para que construir um palacio no deserto? No interior o que se exige é uma grande casa, que possa accomodar a familia e todos os aprestos ruracs; grandes paços para os tiveres e nada mais. De modo que pelo exterior da casa não se distingue ás vezes a choupana da fazenda, senão pelas dimensões, e pelo bulicio que aviventa a casa do rico.

A sala, que é o unico lugar onde entra o viajante, era mais comprida que larga. Uma ordem de bancos de pão orlava as quatro paredes. Pelas paredes, da mesma côr que as de fóra, viam-se pendurados sellins, enxergas, freios etc. Em um canto á direita umas tres ou quatro albardas com os pertences: á esquerda espingardas, pistolas, espadas e fouces penduradas.

Sobre uma mesa grande, sem tapete, havia um tinteiro velho, pennas, e papel; um livro que reconheci ser o código criminal, e um masso de quadernos em que não tocamos; mas evidentemente eram autos.

Um tinteiro por aquellas alturas já nos tinha feito desconfiar, mas os pormenores nos convenceram de que estavamos em casa do despota daquellas quatro ou cinco leguas circunvizinhas, isto é, estavamos em casa do delegado.

Dous ou tres cães que estavam deitados no chão terreo, porém liso e bem varrido, o salpicado de alguns tamboretos de couro, não nos receberam cordialmente, mas aquietaram-se sendo reprehendidos pelo Sr. Lopes.

Este Sr., que foi a primeira creatura humana que avistamos naquella casa, era um homem profundamente antipathico.

Cabeça pequenina, queixo de fuinha, boca apertada, nariz de tratante, isto é, fino e arqueado, labios delgados, olhos vivissimos, tez amarelada, contra o commum naquellas paragens, eram indicio certo das funcções que desempenhava junto ao amo.

Era com effeito o Sr. Lopes o *fac-totum* do delegado.

Comecára por aggregado do capitão C.. (Na roça todo mandão tem este posto.) Ora o aggregado é uma entidade intermediaria entre o escravo e o capanga, para cuja classe são ordinariamente promovidos. É um individuo sem cir-

nem beira que intromette-se n'uma fazenda, e vai-se deixando ficar sem mais nem menos, até que o dono da casa vai-lhe dando alguma incumbencia, ou lança-o fóra se é preguiçoso.

Ha porém aggregados d'outra qualidade que constituem a especie *statu in statu*, e contam tres, quatro e mais ascendentes. Vivem com suas familias em choupanas distantes da fazenda. Lá tem suas roças, sua criação, seus bois, seus carros. Apenas aos domingos antes de irem á missa vão prestar homenagem ao Suzerano, e no mais são independentes. Estes aggregados (e muitos tinha o capitão C.) como os servos e os castellões na idade média, dão logar ás vezes a dramas bem terríveis.

Não é raro que a *nhãnhazinha* se namore do filho mais moço do aggregado *tal*; mas em uma bella manhã o bello aggregado amanhece morto em um valle, e a linda herdeira com os olhos encovados pelo pranto, os cabellos cortados, ás vezes contusa, porém mais vezes morta, ou decidida a unir-se no cco ao amante infeliz!

Da-se mais frequentemente o inverso, e então quem succumbe é um pobro ancião ferido na pureza da filha pelo desalmado baronete, que entula uma familia inteira, e vai contar impune-mente aos amigos e capangas em roda de uma fogueira as proezas que fizera.

Mas tornemos ao Sr. Lopes.

Não era por bom que elle tinha abandonado a Campanha ou Pouso-Alto, da noite para o dia. Dizem mesmo que nessa noite o triumpho não fóra ouros nem copas. Chegando a Baependy não pôde ver boia: tal era a boa fama que tinha.

Passando pelos Serrancos encontrou-se com o capitão C., e depois de uma lamuria muito bem chorada, lá se foi o Sr. Lopes para a fazenda no humilde posto do aggregado. O que elle queria era abrigo; quanto ao mais elle confiava em si.

Não tardou em apoderar-se da confiança do capitão, até que enfim o dominava completamente.

Sentio-se logo no arraial a influencia maligna d'aquelle anjo decahido.

Não que o capitão fosse uma pombinha sem fel. Bastava que o governo—era na epoca dos odios politicos—lhe lvesse atado o filão auri-verde, para que se pudesse jurar com a cabeça sobre o evangelho, que elle não era boa rolha—mas, nas vinganças, nas perseguições havia mais methodo, as prisões, o recrutamento tomaram novo vigor: o susto, a consternação opprimia a todos os que habitavam os arredor s.

Estava fresca a memoria das ultimas eleições e talvez n'aquelle momento acabassem de lavrar-se bastantes decretos de proscricção—

— Entrem meus meninos, (disse uma voz de nonna rachada) que fazem por aqui a esta hora? — estarão perdidos?..

—E' verdade, senhor, disse o irmão mais velho, desnorteamo-nos, mas avistando uma luz ao longe vimos pedir uma pousada.—

—Pois não! O Sr. capitão já vem, porem se não estivesse em casa era a mesma cousa: se se pre hade haver quem faça suas vezes (acrescentou elle com bosofia.)

— O' José, bradou elle; appareceu logo um escravo:) tira as botas a estes moços e vai dizer ao senhor que tem gente de fóra

D'ahi a tres minutos appareceu o delegado.

Era um homem mediano, barba grisalha, olhos fundos, testa larga, e saliente sobre os olhos, laconico, pausado no andar: trajava calças de algodão listrado, chinellas de couro branco, sem meias; e sobre tudo isto o ponche indefectível.

Cumprimentou-nos balbuciando, por assim dizer, porque não lhe entendemos uma palavra e sentou-se em um canto, olhando para o Sr. Lopes, como quem diz:—tem a palavra—puxa pela lingua dos merlos, quero saber quem são.

— Então os senhores vem de muito longe, disse adocicadamente o Sr. Lopes, que já sem chapéo, mostrava uma calva magnifica, porém mal empregada.—

— Vimos de Baependy, respondeu o mais velho da caravana.—

— Mas não são de lá...

— Não senhor, sahimos de Pind... em S. Paulo, mas nascemos em S. João.

— Ah! são sanjonenses, bonita cidade! que gente agradável... e eu que não reconheci logo que eram sanjonenses...

— Obrigado...

— Mas não vem morar nos Serrancos, de certo. .

— Não, senhor: vimos tomar a benção a nossos paes que estão aqui; ha dous annos que os não vejo, parece-me um seculo!

— Ai! suspirou o Sr. Lopes.

— Meu mano ja aqui esteve algum tempo, em quanto eu andava lá por outras terras soffrendo bastante... mas enfim, com a companhia d'ello resolvi-me a quebrar um jugo odioso o vir ter com os nossos e tomar outra resolução sobre o nosso futuro.

— Pois tão criança e já tem soffrido tanto! disse hypocritamente o Sr. Lopes.

— E' verdade.

E aqui, como ja tinhamos feito em todos os logares por onde passamos, desenrolamos o quadro da nossa historia pintada com as cores da singeleza e da verdade, como se fallassemos a nosso pai—que aos 18 annos ainda não ha dobrez no coração de um filho das montanhas.

(Cont.)

Alzira, ou a louca de Botafogo,

A segunda hora depois de meia noite acabava de soar; o céu obscurecido por densas nuvens peçadas de electricidade, cercava a terra de uma atmosphera quente e pesada, opprimindo-a, como se fosse uma abobada de chumbo. O fusilar do relampago, as amiudadas gottas de chuva que principiavam a cabir e o estampido medonho do trovão, prediziam terrivel tempestade que se approximava.

Era uma noite feia, bem lugubre! era como o piar do mocho no silencio de um cemiterio.

Eu caminhava a essa hora pela estrada que desta cidade conduz a Botafogo; silencioso e tristemente mergulhado em sombrias meditações, suggeridas pela grandeza e imponencia desse quadro da natureza verdadeiramente sublime!... Aqui — era a detonação da centelha electrica que se formava no espaço; alli — o sibilar do vento ao perpassar nas arvores; além — o quebrar monotono das vagas revoltas de encontro ás pedras, e lá — a mão da Providencia a se revelar na luta dos elementos!

Quando cheguei ao cacs daquelle bello arrabalde, fui obrigado pela chuva que então cahia fortemente, a recolher-me sôb a protectora coberta de um alpendre; mal ali me tinha acolhido, quando os meus ouvidos foram feridos pelas notas de um canto; esse canto era de uma mulher, que, graças á luz de um candeeiro proximo, pude distinguir assentada junto a uma das paredes daquelle alpendre.

Quem seria essa mulher que á hora tão adiantada de uma noite de tão ameaçadora tempestade ali se abrigava tão só, juntando a sua debil voz ao concerto sinistro dos elementos?

Eu fui apercebido por ella; entretanto continuava seu canto; era elle bem triste! era como o gemido de um peito que só tem conhecido as dores e espinhos de um viver de lagrimas!

Em seu cantar ella misturava um nome e esse nome dava então á sua voz uma inflexão tão queixosa, tão terna, que recordava a ultima nota de uma harpa tangida por mão descuidosa no silencio de uma noite de luar.

Quando acabou seu canto, ella chorava, chorava a partir de dôr um coração qualquer; a enternecer a alma mais indifferente; silencioso e triste, eu a contemplava.

Era uma scena bem enternecedora, vêr esse pranto de uma dôr intensa, vertido no pangir de acerbo desespero; era triste ouvir o arquejar convulsivo de um peito na compressão de dolorosos soluços, e contemplar a mulher na sublimidade do soffrimento!

Eu fiquei tranzido de compaixão por essa pobre, approximei-me della, e procurei docemente captar-lhe a confiança.

Ella ao ouvir minhas palavras levantou-se e quiz fugir; travei-lhe da mão para o impedir; ella encara-me assustada, e então pude vê-la perfeitamente; era mui bella! bella como o devem ser os anjos! alva e loira, seus compridos cabellos em desordem cahiam em magnificas ondas de ouro sobre seu collo mais branco que o mais bello alabastro; seus olhos eram tão limpidos, tão magnificamente pretos, tinham tanta languidez, que embriagavam.

Um poeta a chamaria archanjo, se os archanjos podessem baixar á terra!

Depois de fixar-me por alguns instantes, rapidamente desprendeui sua mão das minhas, enlaçou-me ternamente em seus braços, exclamando: — Julio! meu Julio, porque tardaste tanto em vir? á tanto tempo te espero, que julguei jamais voltarias: porem agora, agora que te aperto em meu seio, já me não recorde o tempo que esperei, por que sinto palpitar o meu coração sobre o teu! dize, dize-me, se ainda nollo arde aquelle amor immenso que me consagravas e porque tudo sacrificuei!... mas, não me respondes?... não me conheces? será possivel que já te não lembres de mim? eu sou Alzira, a tua loura Alzira, como me chamavas. Não te recordas daquellas felizes noites do Club, em que o nosso respirar, o pulsar de nossos corações, o queimar de nossos seios se confundiam no turvelinho das valsas?... e que phrases tão ternas me dizias!... lembra-te daquelle tarde em que... ah! era uma tarde mui bella, Julio, o ar tepido e embalsumado de meu jardim nos embriagava, tuas palavras cheias de fogo e de amor me enlouqueceram em teus braços. Não sei o que se passou! eu delirava! Quando tornei a mim, vi que tinha chorado, minhas faces estavam molhadas de pranto, e tu de joelhos sustentavas a minha fronte, que eu apoiava sobre teu peito; fallavas de tanta felicidade, de tanto amor, que parecia-me estar sonhando; mas, não! não foi um sonho, mais tarde vi que desde esse momento eu... era... mãe.

Vem comigo, quero mostrar-te minha filha, nossa filhinha; ah! se a visses tão linda a brincar com suas debeis mãosinhas e sorrir-te, sorrir-te com o sorrir dos anjos?

Queres vê-la? anda, vamos buscal-a, mas não faças rumor, ella dorme, está alli; olha, não vês aquelle objecto branco que indeciso fluctua á claridade desta luz que se reflecte nas aguas? é nossa filhinha, as vagas a embalam em seu berço de escuma! Ha duas horas que ella dorme... coitadinha! chorava tanto! tinha fome e teritava de frio; a pobre filhinha estava tão gelada! tão fria!... vê, Julio, lá vai

embalada pelas ondas que tiveram compaixão de minha dor e vieram buscá-la. Deixem-a dormir!...

— Agora, disse-me a pobre moça sentando-se e obrigando-me a imitá-la; diz-me onde estiveste tanto tempo? um anno! um anno é um seculo para quem ama, para quem se vê no mundo abandonada e sem recursos, não é assim, meu Julio?

E a infeliz chorava loucamente.

Aproveitei-me de um momento de pausa para fazer-lhe comprehender o seu engano a meu respeito, mas a todas as minhas observações, ella me respondia: — Não, Julio, não procures illudir-me mais uma vez, tem compaixão de mim, eu te amo ainda muito! oh muito!

Olha, dá-me a tua mão; sentes este coração que palpita sob este seio gelado pelo frio da noite? é o coração de tua Alzira, ainda tão cheio de amor como naquellas noites de nossos bailes.

— Não sejas insensível ás minhas supplicas, um anno de lagrimas e de humilhações, é prova bastante do meu amor; e demais, lembra-te de nossa filhinha, dessa innocente que tem estado até hoje sem um olhar, sem uma caricia do seu pai!... Escuta... recordas-te daquella noite em que nos encontramos pela primeira vez nos salões do Club? lembrás-te das ternas phrases de amor que me fizeste ouvir? Foi uma noite bem cheia de encantos para mim! achava tanta magia, tanta fascinação na embriaguez das valsas, na confusão de risos e de perfumes, que me extasiava. E comtudo eram esses salões os mesmos que eu frequentava ha muito tempo; porem até então tudo me era indifferente; as valsas me aborreciam; a musica me incomodava; era porque eu não a comprehendia! Para comprehendel-a é necessario ter no peito o amor, e na cabeça o delirio; eu tive a prova disso nessa noite; desde que te vi, desde que soffri a impressão de teu olhar, desde que ouvi a tua voz tão terna, tão branda que me infiltrava na alma um sentimento tão cheio de emoções diversas, que me sorprehendia: era o amor, sim, desde essa noite eu te amei, amei-te com todo o ardor de meus quinze annos, com toda a crença de minha alma ainda virgem. Tinha o presentimento de que seria muito feliz contigo; e bem feliz que fui!... bem feliz, até o dia fatal em que abandonei a casa de meus pais, em que obrigada pelo estado a que nosso amor me tinha levado, fugi para occultar aos entes que me tinham dado a existencia, a minha e sua deshonra. E tu, Julio, porque quebraste nesse dia as minhas mais bellas esperanças de felicidade, negando-te a reparar o mal que me tinhas feito? foste bem máo! calcaste aos pés a minha corôa de virgem, arrancaste até a sua ultima flôr e lançaste no todo do prostíbulo as candidas folhas do livro de

minha innocencia! E quando te pedi a reparação do mal que me havias feito; quando te roguei que cumprisses a tua promessa ligando a tua vida á minha; quando te mostrava o meu estado de mãe, e a impossibilidade de occultal-o por mais tempo á minha familia, tu te rias, rias-te com um riso tão satânico que por um momento te julguei louco; mas não! não o estavas; já não eras aquelle moço honesto, expansivo e apaixonado; tinhas nesse dia largado a mascara que já te pesava, mostravas-te tal qual na realidade eras: um libertino, um seductor sem coração, e sem piedade pelas suas victimas. Eu quiz amaldiçoar-te, quiz pedir a Deus, a esse Deus por quem me tinhas jurado tanto amor, tanta felicidade! que me vingasse, que te fizesse sentir todo o peso do teu crime, castigando-te; mas não pude, louca! ainda te amava muito; meu amor era superior á minha desgraça, e eu ainda esperava que te arrependesses! Desde então, Julio, nunca mais te vi; inlaguei e soube que tinhas ido para bem longe; não sei se eram os remorsos que te afugentavam do lugar de teus crimes...

Poucos dias depois, em casa de uma boa mulher que reconhecia a alguns beneficios que eu lhe tinha feito, e por commiserção me tinha acolhido, dei á luz uma menina, a minha querida Urbina, pobresinha condemnada desde seus primeiros momentos á miseria e ás privações!

Ah! que nem sabes quanto soffri ao contemplar esse anjinho tão bello, lembrando-me que ella teria de partilhar a indigencia de sua desgraçada mãe! Para mais augmentar o horror de minha situação, a boa mulher que tão caridosamente me tinha acolhido e que comigo repartia seus mesquinhos recursos, morreu... parece-me que Deus privava-me de todo refugio para mostrar-me vivamente a enormidade de minha falta... porém... meu Deus! eu era inexperiente... perdoa-me, eu não sabia que no coração de um homem podesse haver tanta hypocrisia, tanta maldade! dura tem sido a minha punição! mas... perdão, perdão, meu Julio, esquece essas palavras, não era eu quem fallava, era a miseria! era a minha dor!

Um dia veio o proprietario da casa em que eu e a boa mulher moravamos e expellio-me duramente; embalde suppiquei que me deixasse viver alli, que eu não tinha outro asylo para onde ir! o monstro á nada attendeu, era um homem bem máo! tu não o conheces, Julio? era muito máo, bateu-me, e quando eu lhe apresentava minha filha e pedia por ella, elle ria-se, ria-se injuriando-me!

A' tres dias deixei essa mansarda onde tinha entrado com a miseria e desesperação, e donde sabia ainda mais miseravel, e quasi louca porque minha filha e eu tinhamos fome e frio!

Minha Urbina chorava tanto ainda agora, coitadinha! tinha o corpo gelado pelo frio da noite! eu tive uma bella inspiração! lembrei-me dos que dormem o somno da morte e não sentem frio nem fome, por isso quiz que ella tambem o fosse dormir. E' um somno divino, tira a sensibilidade, e faz esquecer os dissabores da vida; porem é somno do qual se não desperta jamais.

Sabes onde dorme nossa filha? olha, é alli: não vês aquelle objecto naquella onda que se vem quebrar? é ella, ah! ah! ah! é nossa filha! Queres que a chame? mas, ella não ouve, ella está morta... eu atirei-a ao mar, ouvi sómente um gritinho, depois... depois escutei, e só ouvi o ruido das ondas que vinham em turbilhão quebrar-se de encontro ás pedras. Ella já dorme, ah! ah! ah! não vês como morto! é porque ella não ha de chorar mais... não terá mais fome.

E a infeliz ria, ria e batia palmas de contente! Era uma pobre louca!

Daki a dias as portas do Azylo dos doidos se abriam para dar entrada a mais um infeliz, cuja existencia é um continuo sonhar a que a sciencia dos homens chama loucura.

Seria a desventurada Alzira? quem sabe?
Rio de Janeiro... 185 ..

F. Hermes.

Opera nacional.

II.

E' nos impossivel aqui apresentar por extenso os nomes de todos os artistas que figuraram nos theatros daquelle tempo, em que o Brasil ainda nas fachas infantis mal tinha em seu embryão o gosto pela musica de nossos dias. Contudo as artes já recebiam mesmo nesses tempos outra animação que hoje, apesar de suas aspirações ao protectorado, já não sabe prodigalisar.

Será effeito da civilisação brasileira o descuido e falta de zelo por tudo quanto parece animação ás artes e ás lettras pátrias?

E' esta uma questão espinhosa e inteiramente fora do plano que nos temos traçado. Não queremos proceder á semelhante analyse, e por isso continuaremos conforme havíamos encetado o primeiro artigo.

Entre outros nomes de artistas nacionaes, guardados pela memoria de alguns homens daquelle epoca, citam-se o conhecido por Pedrinho, o Lobato, Manoel Rodrigues José Ignacio da Silva, Costa, Silva, e Ladisláo Benavento. Entre as cantoras não deixaram nomes menos conhecidos as Sras. Joaquina da Lapa, que era prima-dona, e natural de Minas, e que depois foi para Europa, e as Sras. Luiza, Rosinha, Francisca de Paula e outras.

No vice-reinado de D. Fernando José de Portugal

que succedeu ao conde de Rezende, tendo fallecido Pedro e Lobato e retirado-se da scena Luiza, Rosinha e Paula, entraram para o theatro varios cantores e professores de musica, como Luiz Ignacio, Geraldo e João dos Reis, baixo profundo de força tal que ainda hoje seria apreciado, não obstante essa monomania engendrada e mantida pelo lyrismo italiano. D'esta companhia, que era a que no Rio de Janeiro existia quando chegou a corte portugueza, faziam tambem parte as Sras. Maria Jacinthia, Genoveva e Ignez.

Servia então de theatro o edificio depois occupado pelo almoxarifado da casa imperial, contiguo ao paço.

O panno da bocca d'este theatro tinha algum merecimento e era obra de um artista brasileiro chamado Leandro, o mesmo que pintou o quadro da capella hoje imperial.

Representava aquelle panno a bahia de Netherohy com suas montanhas, fortalezas, e a cidade, elevando-se no centro o deus Neptuno em um carro formado de uma concha.—Neptuno empunhava o tridente com o braço direito e o seu carro era puchado por cavallos marinhos. Estava rodeado de deuses e deusas, sereias e tritões, o que deveria dar-lhe um effeito admiravel pelo que diz respeito á optica.

Depois que a familia real chegou ao Brasil é que veio a primeira companhia italiana, da qual fazia parte a Cantarina polaca Donè, que foi succedida cremos que pela prima dona Scaramelli e pela Facciotti, e pelos cantores Panizi, Vacani e Bartolazi.—A chegada de actores estrangeiros matou a ideia da opera nacional: os artistas filhos do paiz foram postos de parte, e logo depois esquecidos.

Como o fazendeiro que derrubasse e lançasse fogo aos seus cafeaes para em seu lugar plantar cerejeiras que importasse, assim temos feito nos: as bellezas do paiz de nada valem, so queremos, só achamos bom aquillo que nos vem de outras terras.

Não é assim que viremos um dia a registrar nas paginas artisticas de nossa historia os nomes de um Boildieu, de um Auber, de um Herold.

Similia Similibus.

Quem chora o seu amor perdido, não tem lá muito julzo.

Creio que Dante foi um desarrasoadado quando chorou a infidelidade da sua Beatriz. E maior papalvo foi Jacques Gigonini, que precipitou-se em uma lagoa, por ter recebido uma ingratidão de sua amante.

E quantos amantes não tem chorado a inconstancia de suas namoradas!

Não pensem, porem, que quero com isto dizer, que tem havido muitos amantes toleirões! Nem todos são assim.

O amor é um campo de batalha, do qual aquelle que

de deus, deve ser esquecido e considerado como soldado do deus Cupido.

O negocio de amor admitto a pena de talião, que Mme. Tomet deixou registrada no seu código; em tal caso o artista do *Similia Similibus* da homœopathia.

Não sei a uma moça chamada Zizina.

Que belleza de mulher! os seus olhos eram bellos e brilhavam tanto, que pareciam ter luz electrica; a bocca engraçada e mimosa era um ninho de encantos; o nariz era uma pyramide divinamente torneada; ainda não vi um nariz igual ao da minha Zizina.

O seu rosto era bello e divino; se Mme. Pompadour visse o retrato de Zizina se inflammaria de ciúme.

Amiei a essa mulher com todo o enlevo e ardor de um coração de vinte annos.

Era um amor que sabia de um vulcão.

E Zizina que ao principio fizera do meu amor a alma do seu coração, depois esqueceu-se de mim, e começou a namorar a um outro homem, feio como Esopo, pobre como Cedro, e corcunda como o marechal de Luxemburgo.

Não sei porque Zizina foi rebelde ao meu amor!

Ah!

Souvent femme varie, disse o illustre Francisco I, que eu entendi nestas cousas.

E o que deveria eu fazer!

Chorar como Heraclito, suicidar-me como Chatterton!

Não, uma ingrata não merece uma lagrima, quanto mais uma existencia.

Varri da memoria e do coração a minha antiga namorada, paguei a sua infidelidade com uma inconstancia, levei da pena de talião; aos pés de uma outra mulher depositei o meu coração transbordando de amor.

Para não soffrer alguma levandade, alguma outra inconstancia nos combates de Cupido, determinei multiplicar o numero das minhas namoradas, como fazia o rei de Richelien. Se alguma fôr infiel e leviana, terei outra que tomará conta do meu coração.

Assim faço assim, e julgo que chorar uma ingrata, que foi rebelde ao nosso amor, é tollice; cura-se um amor com outro amor novo: *similia similibus*.

M. de Azevedo.

Revista de theatros.

SUMARIO:—GYMNASIO;—Uma estrêa; boa viagem! —*As mulheres terriveis*;—*A Probidade*. — S. PEDRO. — *Suzana*. — Annuncios.

Decididamente, leitora, a época é de estrêas; um dramaturgo o mez passado, um actor no dia 10; duas estrêas brevemente; tudo no Gymnasio.

O joven theatro tem crescido em pessoal e em merito, incontestavelmente em estima no espirito de sua platea illustrada.

Quando digo platea illustrada, note a leitora que faço a devida excepção do folhetinista.

A ultima estrêa que nos deu o Gymnasio, foi o Sr. Alfredo Tremoulet, joven artista chegado de Portugal, discipulo de Taborda, o Ravel daquellas bandas.

Se é possível fazer um juizo sobre uma vocação manifestada apenas em uma scena comica, terei para o Sr. Alfredo palavras favoraveis. A *Guerra da Italia* é um quadro estreito para uma revelação, e depois tão localisado, tão especial á platea de Lisboa, que o artista devia lutar com embarços serios. Todavia o talento triumphou dessas contrariedades; e a platea chamando-o á scena deu-lhe uma prova de enthusiasmo e animação.

De feito, talento, comprehensão, movimento, não faltam ao Sr. Alfredo. A scena comica que é uma satyra chistosa sobre a ultima guerra da Italia foi desempenhada com graça e intelligencia não vulgares entre nós. O joven actor não desmentiu o nome celebre que a par do seu apresentou aqui; é um discipulo de esperanças. Por mim, biographo semsabor das phases da arte, acastellado na fortaleza de meu folhetim, saúdo este novo capitão que se vai mar em fóra, caminho de um futuro: Boa viagem! boa viagem!

E agora que elle começa a ensaiar as suas velas ao vento, passemos nós, leitora, a outras novidades.

Temos algumas.

A mais notavel é a comedia em tres actos do theatro moderno francez, *As Mulheres terriveis*. É uma das mais delicadas e espirituosas composições que conheço; chistosa sem ser burlesca, frizante sem ser immoral. Um desenho completo de caracteres, uma reproducção graciosa de factos que se dão na vida social; mão de mestre no desenvolvimento do dialogo e da acção, sem scenas de luxo, sem lances superfluos e truncados, eis o que se deu sexta feira no Gymnasio.

As mulheres terriveis estão encarnadas e representadas por uma mulher, a mulher do tabellião *Ris*. Ha ainda uma outra reproducção do typo, a Sra. Chatelard mas póde ainda dizer-se, que é uma mulher terrivel *en herbe*, em embrião.

A Sra. de *Ris* é o verbo encarnado nas fórmãs elegantes de uma mulher de salão, o motu continuo da lingua. Curiosa e indiscreta, pergunta para saber, e falla para dar pasto a uma irresistivel vocação da tribuna. Não lhe escapa o menor movimento, o facto mais insignificante; quer saber tudo; tudo indaga, tudo prescruta, de tudo se informa. Depois, como se tanto conhecimento a affrontasse, não espera o trabalho digestivo da reflexão, deita o que sabe á primeira attenção em disponibilidade, ou sem ella.

Como se acaba de vêr, um discurso vivo desta ordem é um escolho imminente, póde causar scenas desagradaveis, lutas internas, escandalos publicos.

É exactamente isso o que move toda a acção.

A acção da comedia nasce de uma indiscrição. A *Sra. de Ris* falla de uma entrevista á sombra de alamedas; trata-se da mulher de um hespanhol que tambem a escuta na sala, e cujo nome todos ignorão. Deve ao ser mulher não morrer de uma bala, mas em compensação vê-se em uma situação desagradavel. O conde hespanhol segue-a por toda a parte como a sombra, como um Mephisto; heles; só quer saber o nome do homem que fazia de interlocutor na entrevista das alamedas. Ha aqui mais a pertinácia do allemão, que a raiva violenta de hespanhol: o conde é um verdadeiro methodo no acompanhar frio e resolutivo os passos daquelle pobre almanach arrependido.

Não me alongo em narrar o entrecho desta primorosa comedia. E' bom que a vejão com a propria vista, os olhos que me estão lendo.

As honras da noite cabe, a *Sra. Velluti*, que desempenhou talentosamente o papel da *Sra. de Ris*, comprehendeu bem a larga face que tinha a pôr em pratica, e de uma observação acurada nasceu a creação de um papel. E na comedia que o seu talento se manifesta: nessa esphera é que desejo ver; na comedia os seus esforços não naufragão nunca. O seu papel de sexta feira bastava para lhe dar um nome, se não tivesse já um, conferido pela opinião publica.

O Sr. Furtado revelou-nos uma nova direcção de suas tendencias. Depois de percorrer uma parte da escala artistica, na interpretação de diversos e encontrados sentimentos dramaticos, inclinou-se antehontem, para comedia e entrou no salão com o riso e a chufa nos labios. Não é um extranho na tenda em que se acaba de sentar; a inspiração deu-lhe anticipado conhecimento.

O Sr. Furtado como ensaiador merece ainda os applausos do folhetim. Revela-se antes o cavalheiro do salão, que o actor do tablado.

O Sr. Joaquim Augusto merece tambem particular menção. No desempenho do papel a que se obrigou, interpretou com graça a pachorra de um marido piscicultor e botânico, adepto da doutrina do poeta persa, e cuidadoso conservador de seus pulmões.

Ha um papel pequeno, limitadissimo, que fez effeito, o Sr. Bonack ux, interpretado pelo Sr. Graça. Imagine a leitora um homem que faz cumprimentos em uma formula de final de carta. E' inteiramente novo.

E' destas produções que o publico precisa; o espirito das massas não as regeita, abraça-as.

Deu-se a *Probidade* no Gymnasio. Ainda uma enchente! Aquelle drama cabiu no gosto do publico que o applaude sempre. Todavia fallemos franco, depois do *Luiz do Cibrão*, não sei que acho na *Probidade*.

E' contudo um bello drama, menos o monologo do judeu Jacob. Creio que é a primeira coisa que me fez abrir a boca no Gymnasio (o monologos).

O Sr. Martins caracterisou-se mal, ou antes não se

caracterisou, como lhe acontece quasi sempre. Mas, sobre a minha *probidade* de folhetinista, disse o seu papel soffrivelmente.

Os mais como sempre, *Manuel Escota* e *Henrique Soares* são duas creações soberbas. Os Srs. Moutinho e Furtado Coelho, trabalháram nessa noite com muito talento e muito gosto. Estavam inspirados.

Uma observação.

Já está um pouco velho aquelle retrato da sala de D. Guilhermina no 2.º acto; e o mesmo acontece com aquella cadeira de braços da mesma sala. Aconselhamos uma reforma sobre estes dois accessorios. São duas cousas que não estão na altura da importancia do Gymnasio, como pessoal, como repertorio e como publico.

Se tivesse tempo aconselhava alguma cousa á Direcção ácerca do pano de boca, mas... ficará para outra vez.

Os ores de ouro é um espirituoso disparate que tem agradado muito e que agradará ainda bastante. Foi bem desempenhado, aparte alguns senões. Aconselho aqui ao Sr. Militão, em quem acho aptidão e vontade, menos enleamento na scena. Desejava que se mostrasse mais negligente e como que se esquecesse do publico que tem diante de si. Haverá assim mais naturalidade. O Graça, no papel de *Bertholdo*, revelou ainda, seus grandes dotes artisticos; foi magnificamente bem no característico e no dizer do papel. No duello, quando é tocado pelo florete, não conheço nada melhor.

Duas passadas e vamos a S. Pedro de Alcantara.

Fez la beneficio a *Sra. Ludovina Soares da Costa*. Esta respeitavel senhora, actriz de um passado de palmas, apesar da escola viciosa de seu genero, recorreu ainda vez ao publico. Não era uma gloria actual que fallava, era uma tradicção que se levantava com os louros nas mãos. O publico la foi ao convite da artista. O drama era uma traducção de francez, *Suzana*. Má escolha fez a *Sra. Ludovina*, se é que a fez, o que podia deixar de acontecer, graças a officiosidade e mau gosto dos nossos traductores. E' verdade que foi ap'andido por diversas vezes, mas pôde crer-se que havia all u na homenagem antes á grande interprete de *Marianna*.

São oito quadros de um amontoado de disparates, e lugares communs. O thema é velho e conhecido.—Uma aldã f.liz, que entra no grande mundo, e que depois volta aos caros penates onde um desfecho moral absolve o autor e platea.

Todavia aqui não procede completamente a these. *Susana* a aldeã deixa a sua terra, não por um desejo criminoso de abandonar seu pai, mas por uma traição que lhe armam. Foi um facto independente de sua vontade.

Por todo o correr da peça, *Susana* pretende vingar-se de seu seductor. Este morre no 7.º quadro; pensaes que essa moça vai encontrar na aldeã uma felicidade em paga de um longo infortunio? Nada. *Mauricio*, o seu noivo, não a quer mais, perdôa-a, mas vai casar com outra; *Susana* recolhe-se ao convento.

Não me occuparei com a analyse dessa composição. Unicamente aconselho a quem competir, melhor escolha de peças, quando se tratar de dar, ao menos, um passatempo ao publico.

Continuo a pedir ao Sr. Barbosa menos exageração. No seu papel de *Lagonache*, foi perfeitamente mal. Assume o caracter de um cavalheiro de fortuna, á altura de um papel de lacaio. Agradou á platêa, é verdade, mas enpeço aqui licença para não concordar com a platêa, concordando entretanto com] os preceitos da arte.

Anunciam-se grandes novidades. Em S. Pedro — *O Queiro de S. Paulo* — velha pagina de gloria do Sr. João Caetano. No Gynnasio — *Rafael* — para a estrêa da nossa patricia D. Isabel, do Rio Grande; *Feio de corpo bonito n'alma*, para a segunda prova do Sr. Alfredo Tre-moulet; e *Abel e Caim* para a estrêa da joven actriz portugueza, a Sra. D. Eugenia Camara.

O drama *Abel e Caim* é offerecido ao que consta pelo autor, ao Sr. Moutinho. Por um esquecimento não veio consignado isso nos exemplares impressos entretanto, que o autor escreveu uma dedicatoria ao Sr. Moutinho digna de um como do outro.

Creio que a leitora não faltará a estas estrêas.

Nem eu.

M.—ns.

Pensativa.

Porqu'estás tão pensativa
Minha flor, que adoro tanto?
Quem roubou-te a cor mimosa
E desfez o teu encanto?

Não te amo? não me crês?
Que te faz tão triste assim?
As nossas juras de amor
Já tão cedo teram fim?

Minha flor, abre teus labios,
Da-me o socgo ao amor;
Vem revellar teu segredo,
E mitigar minha dor!

Acaso n'alma a lembrança
De uma promessa perdeste;
E como um sonho passado
Ao acordar esqueceste?

Diz, oh bella! assim tão triste,
Pensativa, quem te fez?
Que tormentos ao teu rosto
Peram tanta pallidez?

Foi acaso uma suspeita
Agitar teu coração?
Oh! não creias, não duvides
Da minha nobre paixão!

Porque choras, se em tu'alma
Não existe a negra dor,
Dos cuidados que anuviam
A fonte do nosso amor?

Temes na luz de teus olhos
Que eu divise uma verdade,
Que dissipe as minhas crenças,
E roube-me a felicidade?

Minha flor, abre teus labios
Dá-me ao menos um signal,
Que me revele o mysterio
Desse silencio fatal!

— Tenho n'alma um sentimento.
No coração uma dor,
Que não apaga a lembrança
Do nosso sagrado amor.

Vês alem, n'haste inclinada
Aquella flor que murchou?
Como ella minha esperança
Pallida e fria ficou.

Deixa-me, pois quero n'alma
N'alma só ter a saudade,
Dessa flor que emmurcheceu
E deixou-me na orphandade.

1859.

Ramalho Luz.

O canto do sertanejo.

(Indígena brasileira.)

Tupan disse á floresta; sê formosa,
Vive e ri.

« Tupan, disse a floresta, eu quero um noivo; »
E eu nasci.

Nasci — no sertão fiorente,
Que namora a zona ardente
Do Equador;
Como nasce o castanheiro,
Como do campo o galheiro
Sem senhor.

Minha noiva é a floresta,
Que de Tupan manifesta
Seu poder;
Que lamenta o sertanejo
Quando morre, e dá-lhe um beijo
Ao nascer.

Que faz dos cedros — roupagens,
Da voz das aves — linguagens,
E ri p'ra o céu;
Que tem mil leitos de flores,
Onde o indio sonha amores,
No seio seo.

Tupan—disse á floresta: «sê formosa,

Vive e ri!»

«Tupan, disse a floresta, eu quero um noivo;»
E eu nasci.

B. Seabra.

Chronica elegante.

Si eu fosse poeta um dia surprenderia a minha leitora apresentando-lhe uma chronica em verso: mas não o sou e por isso continuarei com a minha prosa chilra a pansar-lhe os seus lindos olhos de brasileira.

Quanto assumpto bonito por ahí não ha que mereceser descripto em uma poesia! quanto corpinho de sylphide, quantos encantos de ondina! Ah! que si eu pudesse havia de ser poeta por força; apregoaria por toda parte o meu nome, faria o meu proprio panegyrico, embora seja um labéo, como disse Garret, esse nome — poeta.

Em falta de novidade cantaria as estrellas, as festas, e afinal, quando estivesse exgotada a materia, faria uma viagem ao mundo da Lua, a vêr a differença que entre elle e o nosso ha.

Dou-vos minha palavra de honra, amavel leitora, que vos apresentaria essa descripção; eu cá não sou homem de sciencia infusa, aquillo que sei digo logo; nem sou tambem como muitos que andam sempre no mundo da lua sem nunca saberem dizer o que lá se passa.

Desses o numero é grande.

Foi por andar no mundo da lua, que domingo fiz aquella gazeta; creio que a minha bella leitora esperou-me todo o dia, com anciedade, por saber o que de novo nos teria trazido o paquete inglez; esperou-me e eu não appareci! Que gazeta imperdoavel; faltar depois da chegada de um paquete e em vespuras de um baile! isso não tem desculpa, não tem. Confesso-me pois em falta e prompto para fazer todas as penitencias que me quizerem impor.

Uma já satisfiz ha tres dias em um passeio que lambrei-me de dar ao hotel *Provençaux*, onde jantei, e em companhia de um amigo tomei, acompanhados de uma chicara de café, dois calices de *cognac*, que me custaram nada menos que *seiscentos e quarenta reis*. Ora, pagar-se por semelhante preço dois calices de *cognac*, só por castigo. Entendi cá com os meus botões que aquillo era uma vingancasinha com foros de preço fixo e não *tugi nem mugi*. O que fiz, isto sim, foi protestar que não tomaria mais *cognac* e muito menos no hotel *Provençaux*.

Mas, deixemos o *cognac* e o *Provençaux* cuidemos do que ha, respeito á modas.

O nosso correspondente esqueceu-se completamente das leitoras do *Espelho* e de mim. Nenhum figurino mandou desta vez; gazeou, como eu gazei domingo passado! Mas em compensação recebi uma carta de um amigo, que por lá passeia, na qual manda-me dizer que

todas as moças do tom, que acham-se á par do movimento da época, usam agora os vestidos á *zauva*, que nada mais nada menos, são feitos assim:— o corpinho mui apertado e desenhando bem a cintura, aberto na frente em forma arredondada para deixar apparecer um collete branco acolchoado e afogado até o pescoço; as mangas d'esse vestido continuam a ser á *Candiani*, como antigamente denominavamos.

Esse *toilette* exige sobremangas fofas de cassa ou cambraia, um pequeno collarinho de canudinhos da mesma fazenda e uma gravatinha preta.

Estou certo que no delicado corpinho da leitora hade este *toilette* ir perfeitamente.

Um outro, escreve ainda o meu amigo, que está muito em moda é o de barege inglez azul e branco de quadrinhos, com um babado muito grande, sobreposto por cinco babadinhos, sendo todos elles enfeitados com fitas de tafetá preto em direcção recta ou obliqua conforme o gosto. O corpinho desse vestido deve ser tambem bastante alifogado e terá uma fita preta ao longo de cada lado. As mangas tem fofos e babadinhos com os mesmos enfeites pretos.

Eahi tem a minha leitora o que ha de novo.

Não finalisarei esta chronica sem dar-lhe outra novidade. Quando a moda é de andar-se com saias á balão, todas andam; quando é de vestidos de saíote e chapéos á *guides*, todas usam; pois bem, é agora moda tirar-se o retrato, todos querem multiplicar-se a phisionomia, e ahi temos o povo inteiro á retratra-se.

A leitora quererá tambem sem duvida seguir mais esta moda, por isso tocarei hoje n'este ramo da arte que acaba de obter um grande resultado. Creio fazer um serviço dando-lhe a conhecer tudo quanto possa interessar, e julgo-me mesmo feliz por ter um tão importante facto a comunicar-lhe.

A photographia, que depois de sua descoberta já tem feito grandes progressos, pôde-se dizer que acaba de chegar ao seu apogeo com a creação da *panotypia* e da *emasiotypia*, novos processos que juntos á modicidade do preço facilltam a qualquer tirar o seu retrato.

Na rua de S. Pedro n. 126, casa do Sr. A. Gaspar da Silva Guimarães, a leitora poderá reconhecer toda a verdade do que lhe estou agora dizendo.

O Sr. Gaspar acaba de fazer a aquisição de tres artistas recentemente chegados de França e de Inglaterra, que consta-nos serem peritos na sua arte.

Cada retrato importa apenas em dois mil reis; nada mais barato. Vou tirar o meu e convido á leitora á fazer o mesmo.

TYP. COMMERCIAL

DE

F. O. QUEIROZ REGADAS

PRAÇA DA CONSTITUÇÃO N. 9.

1859.